

LITERATURA DE AUTOAJUDA COMO REPRODUÇÃO DO *HABITUS* E DO “NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO”

Henrique Rodrigues Moreira¹

Desde a primeira publicação de *Self Help* por Samuel Smiles em 1859, obra que é considerada a inauguração do que se conhece hoje no mercado editorial como “literatura de autoajuda”, os escritos deste segmento editorial têm forte relação com o mundo do trabalho, com a economia e com o capitalismo, por apresentarem uma interpretação sobre como eles se configuram, bem como por venderem sugestões de como obter sucesso e ganhos individuais a partir de si mesmo e de recursos subjetivos que possam ser mobilizados para tais fins, etc., impregnando os contextos sociais com repertórios de uma forte cultura individualista (RÜDIGER, 1996). Alguns estudos sociológicos interpretam estas obras como ferramentas a partir das quais há manutenção do que seria a “ideologia” do capitalismo, reconfigurando os padrões do que seriam os “trabalhadores de tipo ideal” de cada momento. No final dos anos 90, contudo, Boltanski e Chiapellò (2009) analisaram obras de gêneros similares, voltadas à administração de empresas, entendendo-as como “tipo ideal” do que configura o “novo espírito do capitalismo”. Aqui, o caráter ideológico de segmentos como a autoajuda é entendido como recurso essencial para mobilizar sujeitos e manter seu empenho na sociedade capitalista, a despeito das características absurdas e injustas do sistema, contribuindo para estabelecer as novas formas de acumulação de capital ao mesmo tempo em que cria um repertório capaz de justificá-las como sendo para o “bem comum”. A despeito de sua difusão e acesso por públicos e populações os mais diversificados possíveis, buscamos investigar o interesse na publicação de obras deste tipo voltadas a um público bem posicionado nas corporações, entendidos, por elas e por nossa agenda de investigação, como sendo “líderes”, diretores, executivos, etc. Sendo sujeitos já privilegiados por sua posição social, nossa hipótese é que essas leituras contribuem na difusão de ideias que possam legitimar tais posições, as hierarquias e desigualdade sociais que as fundamentam. Nossa pesquisa retoma esta ideia acrescentando a noção de *habitus* de Bourdieu (2007), entendendo que ela não só informa sobre os paradigmas emergentes de cada fase do capitalismo, sobre a mudança nos repertórios simbólicos que permitem compreender sua cultura, mas também como forma de reproduzir o *habitus* de sujeitos que, a depender da sua posição social ou (i) podem aproveitar melhor as ideias propagadas nas obras – referentes às mudanças por elas percebidas e

¹ Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR

ratificadas pela sociologia, ou (ii) se aproveitam destes discursos a fim de manterem legitimadas as suas posições de poder e as hierarquias sociais que elas criam e por meio das quais se mantêm. Na monografia intitulada “O que leem os líderes? Uma análise da literatura de autoajuda para executivos no capitalismo contemporâneo”, fazendo uso de análise de conteúdo (RAIGADA, 2002) de quatro obras literárias do gênero, percebemos que a exaltação da ação individual, camuflada em termos como “empregabilidade”, “flexibilidade”, “aproveitar oportunidades”, busca abstrair o indivíduo de seu contexto social, vendendo a ideia de que se pode obter o sucesso única e exclusivamente pelas ações individualmente tomadas. Isto ajuda a tornar opacas as questões de classe e origem social que contribuem para determinar as trajetórias individuais, como posições sociais no mercado de trabalho, nos quadros corporativos, nos ganhos individuais, etc. Por meio da análise de conteúdo também percebemos que tal literatura busca estabelecer novos parâmetros de coordenação da vida econômica das sociedades criticando parâmetros anteriores, absorvendo em sua argumentação as críticas sociais anticapitalismo, conforme analisado por Boltanski e Chiapellò (2009). Chegamos, portanto, à conclusão de que tal literatura, quando lida por “líderes” e sujeitos no comando das grandes corporações, tem a função cultural de informar quais são as predisposições compatíveis com as formas de acumulação de capital que estejam “na ordem do dia”, contribuindo à reprodução de classe e posição social destes sujeitos (BOURDIEU, 2007), bem como servir para legitimar tais posições de poder ancoradas nas desigualdades sociais criando uma noção, implícita e explícita, do “mérito individual”.

Palavras-chave: Capitalismo, Autoajuda, Trabalho, Executivos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. 2ª edição. Trad.: Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HILL, Napoleon, 1883-1970. **As 16 leis do sucesso: o livro que mais influenciou líderes e empreendedores em todo o mundo**. Comentado e adaptado por Jacob Petry. 1ª ed. Barueri: Faro Editorial, 2017.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

POLLAK, Lindsey. **O novo líder**. São Paulo: Cultrix, 2017.

RAIGADA, J. L. Piñuel. **Epistemología, metodología y técnicas del análisis de contenido.** Revista Estudios de Sociolingüística, n. 3, v. 1, p.1-42, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

SENNETT, Richard. A cultura do novo capitalismo. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 18ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.